

/Data: **21/03/2015**

Página:

B1

Editoria:

Caderno B



ARRIETE VILELA ESPECIAL PARA A GAZETA

Alagoana, nascida em fessora Maria Heloisa Melo de Moraes é aposentada

vros: Cor, som e sentido: a metáfora na poesia de Djavan (publicação em livro esia alagoana hoje: ensaios. (org.); Itinerário geográ- A associação entre poesia fico-poético de Mendonça Jr. e loucura não está presen-Maceió (obra vencedora do te apenas na fala da gran-Prêmio Nacional da Aca- de poeta Cecília Meireles. entre a poesia e a música popular.

"A Poesia é a fundação do ser pela palavra"? (Hei-

raes. Também o poeta e lavras do poeta Manuel de da poesia. Sempre insisensaísta mexicano Octavio Barros: "Poesia é a loucura tia com meus alunos, prin-Paz, entre outros estudio- das palavras". Talvez seja cipalmente em relação ao sos, pensa assim. Para ele a liberdade do dizer poétia poesia é "o verdadeiro co, aproximada da liberdafundamento da socieda- de de linguagem daqueles temente subjetivo, deveria de", é ela o ato pelo qual considerados loucos, bem ser antes de tudo sentida "o homem se funda e se como a situação de marrevela a si mesmo". Penso ginalidade de ambos - po- res. No entanto, em mique, devido ao seu afasta- eta e louco - em relação nhas aulas e em meus esmento em relação à lin- ao que socialmente se con- critos de crítica literária, o guagem formal da prosa, a sidera como "lucidez", que berdade - embora dito outro viés dessa questão: ção, sentimento; mas o

dessa forma pareça estrado observar a relação das tico em que vivemos? Palmeira dos Índios, a pro- crianças e das pessoas de pouca escolaridade com a poesia, que se manifesta da Universidade Federal de na forma como se identifi-Alagoas (Ufal) e doutora cam com a linguagem em Letras pela mesma uni- poética através de um de versidade. Embora tenha seus componentes, a rima, lecionado também Língua em suas canções folclóri-Portuguesa, sua preferên- cas e religiosas, por exemcia sempre foi pelo ensino plo. Voltando a Octavio de Literatura. Após a apo- Paz, "é inconcebível a exissentadoria, lecionou em fa- tência de uma sociedade culdade particular e em vá- sem canções, mitos ou ourios cursos de pós-gradua- tras expressões poéticas", Publicou os seguintes li- uma sociedade sem poesia.

outrem, o acenar da loucuda Tese de doutorado); Po- ra com mão de poesia" (Cecília Meireles).

(organização, em parceria situação psiquiátrica, mas tos e canções; Memória e tos tão presentes no texficção: a narrativa de Aloi- to poético. É dessa forma tativas. sio Costa Melo (org.). Suas que loucura e poesia anpesquisas voltam-se princi- dam lado a lado. É célebre ra infantil, o texto poético, na: "A diferença entre um esia alagoana, e a relação o poeta sabe que é louco... Porque a poesia é uma loucura lúcida". O filósofo Gaston Bachelard também vai por esse caminho: lo poema senão uma lou-Maria Heloisa Melo de Mo- cura retocada?". E nas pa-

não seria loucura insistir nho. Simplificando infini- em fazer poesia neste muntamente a questão, é váli- do absolutamente pragmá-

> "Falta original, objeto perdido sempre alucinado, vazio produtor de objetos segundos, originários e não originais, construídos e reconstruídos: esta é a essência do fantasma psíquico e da ficção literária"? (Sarah Kofman) Embora por caminhos di-

ferentes, a teoria psicanalítica e a ficção literária têm no inconsciente humano a ou seja, é inconcebível sua essência. Enquanto a psicanálise o faz cientificamente, pelo estudo das es-"Nem sei se é meu, se de truturas psíquicas, o escritor expressa pela via da sublimação essa falta do objeto perdido irrecuperável, fazendo-o por meio de seu estilo próprio, da escolha de seus temas e enredos. Na gênese da criação litedemia Alagoana de Letras E ao nos referirmos à lou- rária estaria, pois, o fande 2008); Encontros com cura não estamos falan- tasma psíquico de cada esa poesia de Osvaldo Chaves do apenas da doença ou critor. Sobre isso é válido lembrar que Freud saliencom a profa. dra. Jerzuí To- também do absurdo, da tou que, diante do ato crimaz); Modos de dizer: tex- transgressão, estes elemen- ador, a psicanálise teria de depor suas armas interpre-

"Não me queiram prender palmente para a literatu- a frase de Mario Quinta- como a um inseto/ no alfinete da interpretação:/ se com destaque para a po- poeta e um louco é que não me podem amar, me esqueçam./ Sou uma mulher sozinha num palco, / e já me pesa demais todo esse ofício." (Lya Luft)

Vejo nessas palavras de "O que vem a ser um be- Lya Luft um de meus grandes dilemas enquanto professora e amante poema lírico, que a poesia, pelo seu caráter eminenemotivamente pelos leitoque faço é usar o "alfinepoesia é a linguagem es- estabelece essa proximida- te da interpretação". Eis a sencial, a linguagem da li- de. Ou, enveredando por contradição: poesia é emosão pessoal de sua obra?

"Também o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz, entre outros estudiosos, pensa assim. Para ele a poesia é "o verdadeiro fun-

damento da socieda-

de", é ela o ato pelo

qual "o homem se

funda e se revela a si

mesmo". Penso que,

devido ao seu afas-

tamento em relação

à linguagem formal

da prosa, a poesia é

a linguagem essenci-

al, a linguagem da

liberdade - embora

dito dessa forma pa-

reça estranho. Simpli-

ficando infinitamente

a questão, é válido ob-

servar a relação das

crianças e das pesso-

as de pouca escolari-

dade com a poesia,

que se manifesta na

forma como se iden-

tificam com a linguagem poética através

de um de seus com-

ponentes, a rima, em

suas canções folclóri-

cas e religiosas, por

exemplo. Voltando a

Octavio Paz, "é in-

concebível a existên-

cia de uma sociedade

sem canções, mitos

ou outras expressões

poéticas", ou seja, é

inconcebível uma so-

ciedade sem poesia"

"revelar todo o sentido".

(Diavan)

"Dizer que a língua culta é nildo Bechara)

é algo admirável. É claro la sem restrições. o

cos, os professores, senão regionais, e não apenas de tentar decifrar, explicar, es- sotaque. Porém, regionamiuçar esse "ofício" dos lismos e diferentes signipoetas? E quantas vezes os ficados para uma mesma "prendemos" em nossa vi- palavra ou expressão não significam ruptura dessa unidade. È importante es-"[...] Amar / É perder o tom clarecer que não falo co-/Nas comas da ilusão / Re- mo linguista, que não o velar / Todo sentido / Vou sou. Mas como professora andar, vou voar / Pra ver o de português e de literamundo / Nem que eu be- tura que fui por décadas, besse o mar / Encheria o avalio que o problema da que eu tenho de fundo..." nossa língua é outro. Com a realidade social presen-Em minha percepção des- te em nosso País, principalsa canção de Djavan - mente em relação à eduda canção toda, e não cação, a língua portuguesa apenas do fragmento aqui falada por nosso povo estranscrito -, vejo não ape- tá cada dia pior. E cabe à nas o amor erótico, sem- escola corrigir essas distorpre tão presente em su- ções. Sei que é importante as criações, mas, princi- respeitar aqueles que não palmente, seu amor pelo seguem a língua culta porato de criar. Para mim es- que em sua realidade o nísa canção é a atualização vel de linguagem é bastando mito de Orfeu, que se- te deficiente. Mas deixáduzia até as pedras com los permanecer nesse nível sua canção, como fazem em nome desse respeito os orfeus contemporâneos, soa-me, em verdade, como seduzindo multidões com desrespeito a eles. A escola seus cantos, buscando ins- deve mostrar-lhes a língua piração na natureza - o culta, observando, no enmar explicitamente, nessa tanto, os diversos níveis de canção do compositor ala- linguagem, principalmengoano -, no ser amado ou te na oralidade. Gírias, o em qualquer outra coisa. código dos jovens, qua-E, dessa forma, retoman- se ininteligível para outras do a união original entre gerações, devem ser resa poesia e a música. Mas, peitados. Mas o cuidado, sendo a poesia um texto no mínimo, com as regras aberto, temos nesses ver- básicas evitaria que nas resos também a contradição des sociais nossa língua do amor que, ao mesmo sofresse tanto!!!! Simplitempo que nos faz "perder cidade, descontração não o tom", também costuma significam descaso. Enfim, não vejo o cuidado com a linguagem e o respeito à língua culta como doum instrumento de domi- minação, e sim como busnacão das elites é uma or- ca de uma necessária unitodoxia política e um obs- dade do idioma nacional, táculo para o país"? (Eva- unidade essa que prevê, por exemplo, as diferenças Este é um tema controver- entre linguagem acadêmiso. Não vejo a língua naci- ca, linguagem oral e tanonal como um instrumen- tas outras aberturas posto de dominação das eli- síveis na língua, sem que tes; vejo-a como um fa- isso signifique considerar tor de soberania nacional e como parte de nosso idide união. Afinal, num País oma a linguagem chula e continental como o nosso, deteriorada que se anda falar-se uma única língua falando, tampouco aceitá-

